



cultura&informação
A REVISTA DO SABIN

3º trimestre letivo 2016 – ano XXII – nº 65



Sobre a reforma do Médio

O Ensino Médio no Brasil vai mudar.

Desde que foi publicada em setembro, a Medida Provisória nº 746 tem sido tema de discussão entre legisladores, educadores, formadores de opinião e sociedade civil.

Antes de mais nada, é preciso lembrar que o texto da MP 746 não é definitivo: está em análise por uma comissão de deputados e senadores desde que foi proposto – e acaba de ter seu tempo de análise prorrogado por mais 60 dias, para ainda ser votado pelas casas do Legislativo. Além do mais, o texto ainda demanda regulamentação e esclarecimentos, pois estabelece de maneira pouco precisa algumas exigências, como a que determina que a carga horária das escolas seja “progressivamente ampliada” (não é dito em que ritmo e qual o prazo mínimo). Ou a que diz respeito ao currículo obrigatório, visto que, concretamente, a MP o condiciona à Base Nacional Comum Curricular (BNCC) – documento que vem sendo discutido e reformado inúmeras vezes desde 2015, cuja versão final só é prevista para meados de 2017. Com um detalhe: se publicada a BNCC no segundo semestre de 2017, a efetividade do novo currículo ficará apenas para 2019.

Embora compreendamos a ansiedade de pais e mães de alunos sobre o futuro da escola de seus filhos, neste momento nossa posição oficial quanto à reforma do Ensino Médio é: vamos aguardar.

E vamos aguardar serenamente, porque, até onde se pode apurar, tudo indica que a

atual proposta pedagógica do Sabin já está muito próximo dos pontos propostos pelo Governo Federal.

É o que acontece com a carga horária anual, por exemplo. O MEC propõe um mínimo de 1.400 horas. Nosso Ensino Médio já abarca 1.200 horas obrigatórias, *além de todo o tempo passado* pelos alunos nos módulos, no Sabin+Esportes&Cultura, nas aulas-tema, no programa Mais Foco e demais atividades facultativas.

Quanto à obrigatoriedade ou não de determinadas disciplinas e à ideia de um percurso formativo flexível, à escolha do aluno, queremos salientar dois pontos importantes. O primeiro é que nossa proposta já é, de certa maneira, bastante flexível. Nosso aluno pode, desde o Ensino Fundamental, agregar à sua formação regular diversos outros componentes, sejam eles esportivos ou culturais, sejam eles acadêmicos.

O segundo ponto é que, independentemente do que se defina como base nacional comum, nossa proposta é a *formação integral do indivíduo*, que abarque as dimensões intelectual, física, emocional, social e ética do aluno. Queremos formar seres humanos capazes de lançar mão de conhecimentos e competências várias e integradas, para participar do mundo de maneira significativa. Por essa visão, não será pela não obrigatoriedade oficial que deixaremos de oferecer algum componente curricular, se o julgarmos fundamental para uma educação de qualidade.



Giselle Magnossão
Diretora Pedagógica
do Colégio Albert Sabin
giselle@albertsabin.com.br



Primeiros passos

Revista do Sabin,
3º trimestre
letivo 2016
ano XXII – nº 65

Na foto:
Bianca Alves Tosin
Bueno, Pré I do
Colégio AB Sabin.

4+5



+ Conversa Paralela
Como equilibrar afeto e firmeza na criação de adolescentes

6+7



+ Educação Infantil
Como se dá o primeiro contato da criança com a Literatura

8+9



+ Fundamental I
Matific e os benefícios das plataformas educativas digitais

10+11



+ Fundamental II
Explorando o idioma em busca da origem das palavras

12+13



+ Ensino Médio
Estudos do meio: onde a teoria e a prática se encontram

14



+ Idiomas
Certificados e resultados de quem só fez Inglês no Sabin

15



+ Esportes & Cultura
A Educação Física nos primeiros anos de vida escolar

16



+ Encantamento
O Lanchinho com Carinho da ex-professora Gislaime Simão

17



+ Diagrama
O Sabin em números

18+19



+ Livre Expressão
Enem: ferramenta a serviço do mercado ou da Educação?

20



+ Criar Oportunidades
A ajuda do Sabin à Emei Oscar Pedroso Horta

EXPEDIENTE

A Revista do Sabin é um órgão de comunicação dos Colégios Albert Sabin e AB Sabin.

Colégio Albert Sabin. Av. Darcy Reis, 1.901, Parque dos Príncipes, São Paulo/SP – (11) 3712.0713 – www.albertsabin.com.br –
Colégio AB Sabin. Av. Martin Luther King, 2.266/2.280, São Francisco, São Paulo/SP – (11) 3716.5666 – www.absabin.com.br –
Mantenedores: Gisvaldo de Godoi, Neusa A. Marques de Godoi, Cristina Godoi de Souza Lima **Direção pedagógica:** Giselle Magnossão (Albert Sabin), Mônica Mazzo (AB Sabin) **Direção administrativa:** Fernando A. Mello **Marketing:** Adriana Vaccari **Colaboradores:** Áurea Bazzi, Denise Araújo, Dionéia Menin, Giselle Magnossão, Laércio Carrer, Mônica Mazzo **Projeto e coordenação editorial:** Bandeira 2 Comunicação Ltda. **Jornalista responsável:** Alexandre Bandeira (MTb 49.431) **Designer:** Giovanna Angerami **Ilustradora Convidada:** Karla Linck (pp. 10 e 11) **Fotografias:** Rodrigo Jacob **Revisão:** Adriana Duarte, Denise Aparecida Masson **Produção gráfica:** Ricardo Gomes **Moisés Impressão:** Flor de Acácia – 5.000 exemplares. **Distribuição gratuita.** 3º trimestre letivo 2016.



Leo Fraiman,
psicoterapeuta e especialista em
Psicologia Escolar – leo@leofraiman.com.br

A justa medida

O QUE É MELHOR: SER UM PAI RÍGIDO E DISCIPLINADOR OU TOLERANTE E COMPREENSIVO COM O FILHO ADOLESCENTE? PARA GARANTIR A SEGURANÇA DO FILHO, ATÉ ONDE SE DEVE CONTROLAR OS SEUS PASSOS? EM OUTUBRO, O PSICOTERAPEUTA E MESTRE EM PSICOLOGIA EDUCACIONAL E DO DESENVOLVIMENTO HUMANO PELA USP **LEO FRAIMAN** VEIO AO SABIN RESPONDER A ESSAS E OUTRAS QUESTÕES DE PAIS E MÃES DE ALUNOS DO 9º ANO, FREQUENTEMENTE INSEGUROS SOBRE A JUSTA MEDIDA A ADOPTAR NA EDUCAÇÃO DE ADOLESCENTES. MUITO BEM RECEBIDO PELA PLATEIA DO ANFITEATRO PICASSO, FRAIMAN SE DISPÓS TAMBÉM A CEDER ESTA ENTREVISTA À **REVISTA DO SABIN**, EM QUE ESCLARECE AS DÚVIDAS DE MAIS FAMÍLIAS SOBRE O DELICADO TEMA.

O que se passa na mente do adolescente que pode interferir na sua relação com a escola e a família?

No começo da adolescência, é frequente que se observem mudanças pronunciadas. Destaco quatro. Há um aumento da necessidade de aprovação social, porque aumenta o número de células-espelho [ou neurônios-espelho], que imitam comportamentos externos. Graças a elas, conseguimos identificar emoções nos outros, o que é bom, é a base da empatia. Isso explica esse afã de pertencimento, de andar na moda e ser aceito. Porém, traz uma armadilha: o jovem pode se sentir tentado a anular a si mesmo, aderindo a comportamentos de risco, como ingerir substâncias nocivas ou agredir colegas, só para pertencer ao grupo.

A segunda mudança é a instabilidade e a necessidade de emoções intensas. Nessa fase, o cérebro reduz um terço da produção de dopamina, que é responsável pela sensação de bem-estar. Se o jovem tem aulas empolgantes, conversas interessantes com os pais, relações bacanas com os amigos e metas de vida saudáveis e fortalecedoras do “eu”, essa necessidade de emoções é atendida. Por outro lado, se ele se sente abandonado, não é estimulado, não tem uma causa, isso pode levar a situações desastrosas. O terceiro aspecto é a dificuldade de lidar com o risco. O córtex pré-frontal – a área do cérebro responsável pela percepção das consequências, que freia impulsos e é a sede da moralidade – ainda não está totalmente desenvolvido. Mais uma vez, cabe à escola, à família e às pessoas significativas

ajudarem o jovem a identificar os efeitos do que faz. O quarto ponto é a tendência a grandes paixões. É a época do amor romântico, de cruzar o mundo por um intercâmbio. Tudo que se quer é intenso. Daí a importância das artes, dos esportes, dos desafios. Mas não só do estímulo, também do acolhimento. É muito ruim para um adolescente quando alguém diz que ele faz drama, ou menospreza seus sentimentos. Ironizar, então, é terrível. Que bom que temos uma fase em que tudo se torna tão dramático. Esse nosso lado, bem canalizado, faz maravilhas.

Qual é a medida entre autoridade e compreensão, supervisão e respeito ao espaço?

País muito invasivos – que fuxicam as coisas dos filhos, invadem suas redes sociais e mochilas – são tão perniciosos quanto pais negligentes ou até pais “amiguinhos”. Os filhos precisam entender que há regras a serem respeitadas, que há limites. Cabe aos pais a definição das grandes questões: o tipo de escola, os valores da casa, a nutrição. O jovem pode escolher que tipo de verdura quer comer, mas não a montagem da tabela nutricional. Os pais não podem escolher, por exemplo, a definição política do filho, mas podem, sim, intervir se este fizer *cyberbullying* com um colega de linha partidária diferente. Para essa participação mais segura dos pais, que equilibra bem o afeto e a firmeza, não precisa mais do que 20 minutos de conversa, uma vez por semana. Não falo da temida DR – a discussão de relação –, mas de uma reunião periódica de alinhamento de papéis, expectativas e valores.

Falta clareza na comunicação entre pais e filhos adolescentes?

É muito importante, até para a construção do “eu”, que o jovem manifeste saber de tudo, não precisar de nada, achar os pais antiquados. Faz parte. Ressentidos – e cansados pelo dia a dia –, muitos pais se afastam. Há quem tache os filhos de “aborrescentes”, numa ironia feia e inadequada. E há quem crie conflitos tremendos. Nada disso funciona. É preciso empatia, respeito e assertividade. É preciso que os pais digam, claramente, o quanto se importam e por quê. Não é óbvio para o filho que há amor quando o pai diz: “Não quero que você vá àquela rave”. Dá trabalho, mas é preciso

explicar: “Não me sinto à vontade com você em outra cidade, numa festa com drogas, sem adultos por perto. Não por você, mas porque já tive 15 anos e sei que às vezes é difícil segurar a onda”. Ou então dizer: “Eu te amo e por isso exijo que você faça a lição de casa”. Pode ser mais fácil dizer: “Faz se quiser”. Mas é muito melhor insistir para que o filho dê o seu melhor. A questão é deixar claros os porquês. Repito: dá trabalho, mas dá mais ainda se não o fizer.

O que fazer quando o pai ou a mãe sofrem com o crescimento do filho, não conseguem “desgarrar”?

Essa é uma questão bastante difícil. Se está dolorido ver o filho crescer, ter ambições, construir laços e se envolver com atividades que o afastem da família, porém com saúde e alegria, estamos falando de um egoísmo, de uma fragilidade emocional do pai ou da mãe. Em vez de verem com bons olhos – “que bom, meu filho está crescendo” –, pensam “meu filho está me deixando”. Isso pode gerar uma culpa enorme no adolescente. Até certo sentido, é compreensível haver tristeza, sensação de abandono. Porém, quando isso leva os pais a uma invasão total ou a chantagens emocionais, isso indica que precisam de ajuda. E pode ser importante até para reverter uma eventual crise de meia-idade, uma crise no casamento ou um vazio interior que estaria sendo preenchido pelo filho. A dor pode revelar a necessidade de um cuidado.

E quando os pais não concordam com os planos de futuro do filho?

É importante que os pais ajudem o filho a verificar a factibilidade do projeto de vida. Se o jovem conhece as ocupações, as matérias que se estudam, o perfil dos profissionais, como está o mercado de trabalho e tendências, não vejo por que os pais se sintam ofendidos ou quiserem decidir o futuro do filho. Eu diria o mesmo das escolhas matrimoniais. Garantias não temos. Mas, se o filho tem consciência do porvir, é preciso entender que ele tem direito à sua vida, aos seus valores, ao seu instinto. Os pais podem estar ao lado – levantando juntos diferentes fontes de consulta, como a internet e eventos profissionais –, mas já não mais no comando da vida do filho.

“País invasivos são tão perniciosos quanto pais negligentes.”



Primeiras leituras

Alunos do Pré I do Colégio AB Sabin em atividade de leitura ao ar livre.

Como trabalhar a literatura infantil com quem ainda não foi alfabetizado.

Não é preciso saber ler para conhecer o mundo de fantasia da Literatura. Ou para se encantar com os livros. Uma criança é capaz de folhear um livro, ver as figuras e imaginar uma história. Se houver quem a escute, ela pode até contar essa história. Talvez, sua narrativa seja diferente da que está escrita, ou talvez seja praticamente igual, de tanto que ela já a ouviu e a conhece de cor. Ela não está lendo propriamente, mas está dando um importante primeiro passo.

Há um nome para esse processo pelo qual a criança “lê” um livro antes de aprender a ler: pseudoleitura. A criança já sabe que as figuras e símbolos nas páginas do livro contam uma história, são um sistema de códigos. Ela ainda não compreende as regras do sistema, mas sabe que ele existe. Diferencia, assim, o objeto livro de outros objetos, como um bloco de madeira ou um baldinho de plás-

tico, que até podem servir à imaginação, mas não trazem, em si, um significado além de si mesmos. Mais do que isso: a criança é capaz de reconhecer trechos do enredo de um livro e até mesmo algumas palavras, apenas por memorizar as ilustrações e o desenho das letras.

Não é pouca coisa e é a base da qual os educadores partem para trabalhar a Literatura na Educação Infantil, definindo, assim, as práticas e o acervo mais adequado para esse leitor que ainda não lê.

“Nesse contexto, é importante disponibilizar livros que sejam fartamente ilustrados”, diz a coordenadora pedagógica do Colégio AB Sabin, Suzy Vieira. “No Maternal I, nem precisam ter palavras”. Isso é básico, explica Suzy, não apenas porque as ilustrações despertam o interesse e instigam a fantasia, mas por ajudarem a desenvolver a oralidade e a promover acervos de memória para a futura leitura.

Pela mesma razão, a Educação Infantil privilegia os chamados contos de repetição. Trata-se de histórias em que um evento se repete algumas vezes com pequenas variações ou acréscimos de um ou outro detalhe. Um bom exemplo é *O Caso do Bolinho*, de Tatiana Belinky, no qual um bolinho fujão encontra alguns personagens em seu caminho e, para evitar ser comido, repete o mesmo bordão e a mesma canção para distrair seus algozes. Uma história montada sobre essa estrutura é mais fácil de ser memorizada, dando à criança certo controle em suas incursões ao mundo da fantasia.

Assim como bordões e músicas, algumas palavras simples, por aparecerem diversas vezes nos livros e no próprio cotidiano infantil, também têm potencial mnemônico. “Nessa fase, são muito importantes as chamadas ‘palavras estáveis’”, diz Suzy. Como exemplo, ela cita o trabalho que a turma do Pré I faz com o livro *Macaco Danado*, de Julia Donaldson. Ainda que os alunos não saibam ler, o contato frequente com palavras como MACACO ou SAPO – e durante uma contação a professora pode apontar as palavras no livro, escrevê-las na lousa, destacá-las em cartelas – os faz associar os sons de “macaco” e “sapo” àquelas combinações específicas de letras. O mesmo efeito se dá com as palavras da rotina da classe, escritas diariamente na lousa (RODA, LANCHE, PÁTIO, etc.), ou até com os nomes dos alunos, também registrados em toda sala de aula da Educação Infantil. “Aí acontece, por exemplo, de um aluno chamado Rodrigo reconhecer a sílaba RO da palavra RODA e ter um *insight*: ‘Olha, professora, é parecido com o meu nome’”, diz a coordenadora.

Mas é claro que há algo mais fundamental do que a memória na aproximação com os livros: o prazer da leitura em si. Que começa com o contato direto com o objeto livro. Além da biblioteca geral do Colégio, com um acervo em torno de 500 títulos, cada sala de aula do AB Sabin (assim como na Educação Infantil do Sabin) conta com uma minibiblioteca própria, com pelo menos 24 títulos diferentes (um por aluno). E essa estrutura, diz a diretora do AB Sabin, Mônica Mazzo, é intensamente usada pelos alunos.

“Fazemos visitas à Biblioteca, em que eles escolhem os livros que quiserem, manuseiam, folheiam, mostram para os colegas. São momentos de livre exploração”, diz Mônica. Isso é importante, segundo a diretora, para estimular o gosto e o respeito pelos livros. “Também ensinamos que

eles têm de cuidar do livro, não rasgar, não sujar, para que outros possam aproveitar a leitura como eles estão aproveitando”.

Orientações semelhantes são passadas também nas sacolinhas que os alunos utilizam para levar para casa os livros que tomam emprestados da Biblioteca do Colégio. O hábito do empréstimo não só é estimulado como pode ser pedido como espécie de tarefa escolar. “Uma coisa que fazemos é dizer que, na semana seguinte, alguns alunos vão contar a história do livro que levaram para casa”, diz a diretora.

É quando o Colégio conta com a ajuda dos pais para lerem com seus filhos, inclusive aproveitando para dar dicas que podem tornar essa atividade mais estimulante e frutífera (v. quadro). Felizmente, garante a diretora, os pais e mães do AB Sabin aceitam a tarefa com prazer. “Apesar de nem ser objetivo da Educação Infantil, boa parte de nossos alunos conclui o ciclo iniciando o processo de leitura e escrita, porque nossas famílias têm o hábito da leitura. Isso ajuda muito”.

DICAS

PARA SEU FILHO GOSTAR DE LER:

- 1 Passe o dedo pelo texto, acompanhando a leitura.**
Isso ajuda seu filho a fixar o som de algumas palavras ou sílabas.
- 2 Aproveite os dias com o livro para ler mais de uma vez.**
A repetição é estimulante para a criança e ajuda na memorização.
- 3 Faça do momento da leitura algo prazeroso,** uma atividade alegre com seu filho: “Vamos ler depois do jantar?”
- 4 Se a leitura for extensa, ler em partes pode aguçar a curiosidade:** “Será que o macaco danado vai encontrar a mãe? Vamos descobrir amanhã?”
- 5 Parabenize seu filho quando ele reconhecer palavras ou frases.**
O orgulho pode estimulá-lo a ler mais.

Desafios no universo dos números

Plataforma de jogos educativos atende às necessidades individuais dos alunos no aprendizado da Matemática.



Alunos de 4º e 5º anos do Ensino Fundamental, em aula de período integral, enfrentam os desafios da Matemática.

Matheus Kastrup tem um problema a resolver. Aluno do 4º ano do Ensino Fundamental, Matheus está em frente a um dos computadores da sala de Informática do Sabin e precisa descobrir o resultado de uma expressão numérica:

$$10 - 2 + 5 \times 8 - 4 = ?$$

O menino conduz o *mouse* com agilidade entre as operações e o teclado virtual, calculando os primeiros passos da equação. Até que precisa multiplicar 13 por 8 e, por um momento, para. Levanta o rosto de olhos fechados, concentrado em resolver de cabeça a multiplicação. “A professora não deixa usar papel e lápis?”, alguém pergunta. “Deixa, sim”, ele responde, voltando o olhar para a tela e marcando 104. É ele quem não quer usar papel e lápis. O desafio é parte da graça do jogo.

Os demais alunos da sala – uma turma de período integral, em seu contraturno escolar – parecem igualmente absortos em seus computadores e *tablets*, nos quais exercitam habilidades matemáticas por meio de jogos de fácil usabilidade e com gráficos coloridos. Eles estão aprendendo, mas também se divertindo.

Os jogos fazem parte da plataforma de aprendizagem *on-line* Matific, que o Sabin começou a utilizar neste ano, em fase experimental, com a turma do Matheus (período integral de 4º e 5º anos) e com a turma de 4º ano do Programa Especial de Estudos (PEE). Em ambos os casos, a atratividade da plataforma é apenas um meio para um fim pedagógico bem mais interessante: a possibilidade de se criar um



percurso de aprendizado único, focado nas necessidades exatas de cada aluno.

“Já vínhamos ‘namorando’ essa ferramenta há algum tempo”, diz a assessora de Matemática Maria Teresa Mastroianni. “Ela tem interface amigável, versão em português, atualização constante de exercícios e alinhamento metodológico com o Sabin que não tínhamos visto em outras plataformas. Dá para escolher jogos que trabalham especificamente o conteúdo do livro que usamos nas aulas regulares”. (A Matific classifica jogos por série, por conteúdo curricular ou por livros didáticos; a coleção *Saber Matemática*, da Editora FTD, utilizada pelo Sabin, consta da plataforma.)

A principal vantagem, no entanto, é o que a Matific pode fazer por cada criança individualmente. “Tanto a turma do integral, com alunos de 4º e 5º anos, como a do PEE são compostas de alunos com níveis de desempenho e dificuldade distintos”, diz Paulo Fontes, assessor para Tecnologias Educacionais do Sabin. E, para necessidades diversas, argumenta Paulo, soluções diversas.

A plataforma dispõe de centenas de jogos que trabalham as mais variadas competências matemáticas, da contagem básica à análise estatística de dados. Para o 4º ano, por exemplo, pode-se escolher entre jogos de operações aritméticas, frações, grandezas e medidas, raciocínio lógico, entre outros temas. “Por isso as turmas mistas do integral e as do PEE foram adequadas para testarmos a tecnologia”, diz Paulo. “Nas duas, não fazia sentido repetir os mesmos exercícios e estratégias das aulas regulares, era preciso um olhar mais individualizado do professor para o que seria mais proveitoso para cada aluno. E o sistema permite isso”.

Não apenas permite, foi feito para isso. À medida que o aluno avança nos jogos, a plataforma gera relatórios de desempenho individual que dão ao professor um quadro da evolução do aluno, inclusive recomendando novos jogos que o ajudem a avançar. O que não quer dizer que todo o trabalho dos educadores já esteja feito.



“Você aprende coisas de alto nível mais rápido”, diz o aluno Victor.

“No Sabin, temos a preocupação de investir em ferramentas que façam sentido e nos ajudem a planejar melhor o trabalho pedagógico”, diz Dionéia Menin, coordenadora da Educação Infantil e do Ensino Fundamental I. Com a Matific não foi diferente: “Fazemos um diagnóstico das dificuldades mais comuns dos alunos, usamos a ferramenta e depois fazemos novo diagnóstico, de avaliação dos resultados”. Ao fim de dois trimestres de experiência, diz a coordenadora, a avaliação tem sido bastante positiva.

“Há outra vantagem em trabalhar com tecnologias educacionais digitais”, acrescenta Paulo Fontes. Ele lembra que um dos objetivos do período integral é aproveitar que o aluno passa o dia na escola para promover o hábito de uma rotina de estudos. E uma plataforma digital, argumenta Paulo, ajuda a mostrar ao jovem que o computador serve para mais coisas além de passar o tempo vendo vídeos, ouvindo música ou frequentando redes sociais. Serve para aprender.

“É uma boa forma de estudar Matemática”, diz Carlos Eduardo Asato, aluno do 4º ano, da mesma turma de período integral do Matheus. Ao seu lado, Victor Janczak, também do 4º ano, garante que é mais do que “legal”: “Você aprende coisas de alto nível, mais difíceis, mais rápido”.

Em seu computador, Matheus chega ao resultado final da equação: 100. Mas o jogo o informa de que ele está errado. A professora, que o observava até então, pergunta: “Você fez as operações na ordem certa?” É o bastante para ele se lembrar do que já havia aprendido: primeiro se resolvem as multiplicações e divisões, depois as adições e subtrações. Matheus bate na própria testa: “É mesmo!” Como num jogo em que descobriu como passar de fase, refaz os passos, começando por multiplicar 5 x 8. O resultado agora é diferente.

$$10 - 2 + 5 \times 8 - 4 = 44$$

Na tela, estrelas coloridas aparecem em celebração do aluno jogador que aprendeu mais uma.



A origem das palavras

O que o estudo da Etimologia revela sobre a nossa própria identidade.

Azulejo e algodão são árabes. Carimbo e caçula, angolanos. Arara era brasileira antes mesmo de existir o Brasil. Vinagre é francês, caqui é japonês, besouro é espanhol e folclore é inglês. Se houve uma coisa que os alunos do 8º ano aprenderam em 2016 nas aulas da professora de Língua Portuguesa Juliana Jurisberg, foi que as palavras viajam.

O aprendizado se deu graças ao Projeto de Etimologia, que conduziu os 8ºs anos pela história das palavras desde suas origens, por continentes e oceanos e ao longo de milênios, até o português atualmente usado no País. Uma viagem repleta de descobertas curiosas, que fizeram os alunos repensar não apenas o idioma, mas a própria ideia de brasilidade. “Nossa língua é nossa identidade”, diz Juliana. “Estudar Etimologia, ao mesmo tempo que amplifica o repertório lexical, amplia a visão de mundo”.

De fato, saber de onde vêm as palavras é também um meio de compreender melhor a história e o legado cultural pelos quais um povo se define.

É compreender, por exemplo, que ser brasileiro no século XXI ainda é ser um pouco tupi. Afinal, a arara só ganhou esse nome porque era como nossos antepassados nativos a distinguiam das aves menores, chamadas de *ará*; para indicar aumentativo, repetiam a última sílaba, criando assim a *arárá*. “Uma das descobertas que mais surpreendem os alunos é que até o século XVII o tupi era a língua mais falada no Brasil, por indígenas e pelos portugueses”, diz Juliana. Não foi à toa que, em 1556, o jesuíta José de Anchieta escreveu sua *Arte da Gramática da Língua Mais Usada na Costa do Brasil* (publicada em 1595), contribuindo para que, até hoje, falemos em arara, saqui, caju, pipoca, cata-

pora, mingau e outras palavras criadas pelos povos tupis.

Da mesma forma, somos ainda africanos, como comprovam as criações das línguas bantas, como o quimbundo angolano, que atravessaram o Atlântico com os escravos e permanecem até hoje entre nós. É o caso do carimbo (diminutivo *ka* + *rimbu*, “marca”) e do caçula (*kasule*, “último filho”), assim como do samba, do camundongo e da farofa.

E é claro que somos portugueses. Mas isso significa que também somos árabes, devido aos quase oito séculos de presença moura na Península Ibérica (VIII ao XV), que nos legaram o azulejo (*az-zuléidj*, “ladrilho vidrado e colorido”) e o algodão (*al-qutum*, “o cotão”, a penugem da semente do algodoeiro), além do açúcar, da laranja e do talco. Somos, enfim, um pouco de todos os povos que participaram, em maior ou menor grau, da formação de Portugal e, mais tarde, do Brasil.

Em última instância, o estudo da Etimologia revela não só o parentesco entre idiomas – português, espanhol, francês e italiano se parecem porque fazem parte da mesma família de línguas neolatinas, derivadas do latim falado no Império Romano e do grego antigo –, mas uma genealogia da humanidade com muito mais semelhanças entre culturas do que se imaginaria a princípio.

“A língua é algo vivo”, diz a assessora de Língua Portuguesa Denise Aparecida Masson.

“Todas as estruturas linguísticas estão em constante transformação, criando vocábulos novos, tomando palavras emprestadas umas das outras, alterando a sua grafia e às vezes até o seu sentido original”. Segundo a assessora,



desfazer a visão do idioma como algo estanque traz aprendizados importantes.

Por um lado, previne preconceitos e radicalismos, como os que condenam, de modo absoluto, qualquer transgressão à norma culta ou o uso de palavras estrangeiras, em nome de certa “pureza linguística”. Por outro lado, não nos deixa ignorar que as palavras que usamos refletem escolhas ideológicas. Se, hoje em dia, usamos termos como *wi-fi*, *food truck* e *fashion* ou anglicismos como deletar, futebol e xampu, é porque a influência americana sobre o Brasil a partir do século XX é tão grande quanto já foi a influência árabe sobre os povos ibéricos.

Além disso, diz Juliana Jurisberg, quanto mais se estuda a estrutura da língua, maior domínio se tem sobre ela, o que se reflete na produção dos textos dos alunos, da qualidade do repertório ao emprego da palavra precisa. “No Fundamental I, aprendemos a escrever. No Fundamental II, passamos a ter mais consciência sobre o que escrevemos”.

Maior consciência para, inclusive, criar palavras novas. A atividade foi a etapa final do Projeto de Etimologia. Ju-

liana explica que o primeiro trimestre letivo do ano foi mais teórico, com o estudo de prefixos, sufixos e radicais gregos e latinos na formação de grande parte do nosso léxico. Caso da democracia, por exemplo, criada a partir da união dos radicais gregos *demós* (“povo”) e *kratos* (“poder”). Já o segundo e terceiro trimestres envolveram atividades mais práticas, como jogos e exercícios *on-line* que precisavam ser resolvidos com muita pesquisa em *sites* dedicados a estudos etimológicos.

O desafio final, diz Juliana, foi criar neologismos (do grego *neo*, “novo” + *logo*, “palavra”) para batizar objetos imaginários, tecnologias que solucionassem algum problema do mundo. “Os nomes tinham de ter algum fundamento etimológico”. E foi assim que os alunos do 8º ano criaram a “arrepended máquina” (máquina que permite consertar erros passados, voltando no tempo), o “flytuante móvel” (carro capaz de voar para escapar do trânsito), o “traduculus” (óculos que traduzem línguas estrangeiras) e o “autotênis”, que se amarra sozinho, entre outras invenções linguísticas.

Onde teoria e prática se encontram

Saídas pedagógicas põem alunos em contato direto com seus objetos de estudo.

Às vezes, os livros ou a internet apenas não bastam para conhecermos a realidade. Em uma quinta-feira de setembro, 20 alunos da 2ª série do Ensino Médio viajaram até Bertioga, litoral paulista, onde fariam o trabalho de campo de pesquisas sobre diversos aspectos do ambiente natural e humano daquela cidade. Alguns estudavam a biodiversidade do lugar; outros, o patrimônio de quase 500 anos de história; outros, ainda, fariam a análise das marés.

Luíza Assumpção e Rebeca Folgual estavam lá para investigar a viabilidade econômica da pesca. Munidas de caneta, cadernos e câmeras, foram ao Mercado Municipal de Peixe de Bertioga ouvir mercadores e pescadores sobre as condições da atividade à qual se dedicavam. O encontro da dupla com um pescador está registrado em vídeo. Sentado em um banco do mercado, ele não hesita ao responder à primeira pergunta das alunas sobre a pesca em Bertioga, visivelmente contrariado: “Péssima”.

Elas não estavam preparadas para aquilo. Por meses, haviam estudado sobre o município. Havia lido sobre a importância da pesca para o sustento dos moradores locais. Sabiam de dificuldades – principalmente devido à poluição nas águas da região, que afetava a saúde dos peixes –, mas não esperavam resposta tão contundente do entrevistado.

“Ele fechou a cara na hora. A gente ficou até sem reação, não sabia mais o que perguntar”, lembra Rebeca.

Elas insistiram: “Péssima? As pessoas não dão valor?” O pescador balançou a cabeça. “Você não recomenda viver disso?” E então o homem explicou o que elas não haviam lido em livro ou *site* nenhum. “Porque é o seguinte: aqui você traz o produto, mas quem ganha o dinheiro é o atravessador lá na frente”, diz o pescador, apontando para uma bacia de camarões aos seus pés, como se dissesse: “Vê isso aqui? Não vai dar nada”.

O encontro foi necessário para a pesquisa; sem ele, talvez as conclusões da dupla fossem outras. Não necessaria-

mente contrárias, mas menos profundas. Afinal, uma coisa é ler que a população de uma cidade vive da pesca. Outra coisa é descobrir que o mesmo quilo de peixe que o pescador vende por R\$ 15, o lojista vende por R\$ 32, obtendo um lucro bruto de 113%. “Mesmo nas quartas-feiras, dia de promoção, o lucro do lojista é de 87%”, diz Luíza. “E o pescador ainda tem de arcar com o custo do barco, do combustível, dos equipamentos”. O sentido de “viver da pesca”, então, ganha matizes não cobertos pela teoria. Que é um dos principais ganhos do trabalho em campo de qualquer pesquisa e um dos motivos pelos quais o Sabin investe tanto nos chamados estudos do meio.

Os estudos do meio da 1ª e 2ª séries do Ensino Médio já são tradição no Albert Sabin. Projetos interdisciplinares de pesquisa, eles envolvem meses de preparo e leitura sobre os temas designados, a viagem em si e a elaboração de um produto final que vale um ponto na média do 3º trimestre. Para as 1ª séries, trata-se de um ensaio de apreciação; para as 2ª séries, uma revista eletrônica, com textos, fotografias e registros audiovisuais (como a entrevista de Luíza e Rebeca com o pescador).

Neste ano, foram oferecidas duas opções de destino para cada série: uma viagem mais extensa, de 3 dias e 2 noites, com oportunidades de conhecer mais a fundo os lugares visitados (para a 1ª série, o Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira, o Petar; para a 2ª, a cidade de Cananeia), ou uma opção mais econômica, de um dia apenas. Foi o caso da viagem a Bertioga (para a 1ª série, a alternativa foi o Parque das Neblinas, em Mogi das Cruzes).

Nenhuma das opções é obrigatória – alunos que quiserem podem ficar em São Paulo e contribuir de outra forma com os colegas de grupo, na realização das pesquisas e na elaboração do ensaio ou revista. Mas, inevitavelmente, quem participa dessas saídas pedagógicas retorna ao Sabin assegurando o seu valor.



1



2

Registros de saídas pedagógicas do Ensino Médio: o estudo do impacto do lixo no meio ambiente de Bertioga, por alunos da 2ª série (fotos 1 e 5), e a visita das 1ª séries ao Parque das Neblinas (fotos 2, 3 e 4).



3



4



5

“Não é só por ser legal ou divertido. Para fazer o trabalho, faz muita diferença”, diz Gabriela Tápias, da 2ª série. O grupo de Gabriela foi a Bertioga para estudar os impactos do turismo no meio ambiente. Especificamente, o impacto do lixo. Os alunos foram a fundo na pesquisa, colhendo dados de órgãos públicos e artigos científicos que indicavam como o aporte de turistas em meses de férias desafiava a estrutura de coleta da cidade. “Segundo o Plano Nacional de Resíduos Sólidos, Bertioga produz [...] um total de 2.100 toneladas por mês, aumentando de seis a oito vezes em alta temporada”, registram os alunos, em um dos artigos de sua revista eletrônica.

A presença de Gabriela na cidade, conversando com moradores e fotografando provas do descaso das pessoas com o meio ambiente – “vimos animais mortos, latas de cerveja” –, garantiu ao trabalho uma propriedade no discurso difícil de ser contestada.

No Parque das Neblinas, alunos da 1ª série também sentiram na pele a diferença em ter contato direto com seus objetos de estudo. No caso de Mariana Marcotti e Laura Lupatin, inclusive, não só na pele como no paladar.

O grupo delas estudou as propriedades químicas do fruto cambuci, bastante comum no parque, uma reserva

de 6.100 hectares de Mata Atlântica. Recebidas com um café da manhã cheio de produtos locais (como o cambuci ou o palmito juçara), Mariana e Laura já começaram o dia provando o sabor do cambuci. “Tem gosto de tudo. Primeiro é doce, depois amargo, depois ads-trin-gen-te”, diz, pronunciando com cuidado a palavra que aprendeu nas conversas com cozinheiros e monitores.

Já a aluna Leía Strauss estava lá para estudar a possibilidade de se conciliar conservação ambiental com desenvolvimento socioeconômico. O encontro com um monitor que vivia da caça de animais e se tornou guardião da mata, por si só, já apontava caminhos mais sustentáveis para os moradores locais.

“É interessante como [o Parque] é tão perto, mas as pessoas têm um cotidiano e uma cultura tão diferentes”, diz Leía. É nesse contato com outras realidades e outros modos de vida, aliás, que as saídas pedagógicas se mostram ricas, segundo a coordenadora do Ensino Médio, Áurea Bazzi, que acompanhou a turma ao Parque das Neblinas. “Falamos muito em promover competências como o respeito à diversidade, a generosidade e a consciência cidadã entre os alunos”, diz a coordenadora. “Nessas saídas, você vê como eles ouvem os moradores locais com respeito, como se integram como grupo, como voltam mais maduros”.

Com o Sabin até o fim

Eles nunca estudaram Inglês fora do Sabin. E nunca precisaram.

Carina Álvarez planeja uma especialização no exterior depois de se formar, algo na área de Engenharia ou Química. **Daniel Jardim** também pretende estudar fora; tentará cursar Administração na FGV e já manifesta interesse nos programas de intercâmbio da instituição. **Roberta Lionello** quer ser diretora de cinema. Entre suas opções, considera uma vaga na conceituadíssima Universidade de Nova York. E afirma: “Quero ganhar um Oscar”.

Sonhos ambiciosos, sim, mas, no que depender do domínio do Inglês, possíveis. Colegas de turma na 3ª série do Ensino Médio, Carina e Roberta são certificadas no idioma com o FCE e o CAE. Também concluinte do Médio, Daniel já tem o CPE*, o mais avançado dos diplomas de Cambridge. E, além da fluência, os três têm outra coisa em comum: estudam no Sabin desde a pré-escola e nunca fizeram curso fora do Colégio.

“Sempre tive facilidade com o idioma, então, nunca senti necessidade”, diz Roberta. Carina acrescenta: “Esse foi, inclusive, um dos motivos de meus pais me colocarem aqui: não precisar fazer Inglês fora”.

Para Daniel, os certificados de fluência são “a maneira mais clara de verificar” a qualidade do ensino de Inglês do

Sabin. “Você vê o padrão exigido pelos exames de Cambridge, ou pelo TOEFL, que é mais popular, e está tudo dentro do que o Sabin ensina”, diz o jovem. Assessora pedagógica do Departamento de Inglês, Margareth Gatto concorda: “Eu digo para qualquer aluno que tenha o FCE: se pedirem o TOEFL, vá tranquilo”. (Vale apontar que os certificados TOEFL têm prazo de validade; os de Cambridge são para a vida toda.)

Os índices de aprovação nos exames de Cambridge, consistentemente próximos a 100%, corroboram o que dizem o aluno e a assessora. Em julho, dos 42 alunos que tentaram o FCE, apenas 2 não tiveram êxito; já os 8 que tentaram o CAE, e Daniel, único a prestar o CPE, foram todos bem-sucedidos. (Neste mês, mais 28 tentarão o FCE; 9, o CAE; e 3, o CPE.)

Afora os resultados, a qualidade do ensino do Sabin não parece ser motivo de dúvidas para os alunos. Daniel tem uma teoria: “Acredito que haver um departamento específico para o Inglês seja bem importante, porque dá liberdade para os professores trabalharem de maneira mais independente. Talvez, se fosse subordinado à Coordenação do Ensino Médio, seria mais focado no vestibular. Como não é, ele pode ir além”.

O mais jovem dos entrevistados, **Gabriel Naufal**, aluno da 1ª série, com o FCE já no currículo, elogia o material e os métodos pedagógicos: “Não é só que o Departamento já é estruturado como um curso de línguas mesmo. A quantidade de filmes que a gente vê e de livros que lê é grande, as atividades são interativas e bem cativantes”.

Já Roberta faz uma crítica aos paradidáticos adotados. “A gente tem capacidade de ler livros mais densos”, diz a jovem. O Colégio a escutou: “A partir de 2017, as turmas do FCE em diante já não vão mais ler os livros nas versões reduzidas e adaptadas para jovens, serão textos integrais”, diz a assessora Margareth.



Os fundamentos do esporte

Como se dá a primeira aproximação das crianças com o mundo dos esportes.

No Brasil, 33,5% das crianças entre 5 e 9 anos apresentam excesso de peso*. O número revela um problema cuja causa vai além da (má) qualidade da alimentação infantil. Diz respeito também a uma vida cada vez mais sedentária, cujos efeitos diretos podem ser sentidos já nos primeiros anos de escola, pelos professores de Educação Física. Conteúdos e abordagem da disciplina, assim, são decisivos não apenas para promover a atividade física como um hábito de vida, mas também para dar conta de uma geração que não chega às quadras e piscinas com a mesma desenvoltura das anteriores.

“As crianças hoje têm pouca oportunidade de praticar atividades físicas fora da escola”, diz o professor de Educação Física Marcelo Eduardo Nunes. “Que o Sabin proporcione isso, inserindo o aluno cedo no mundo do esporte, fazendo com que conheça várias modalidades, contribui para que ele tenha uma vida ativa, com mais qualidade, no futuro”.

Apresentar diversas modalidades primeiro para só depois oferecer a opção de especialização em algum esporte é a base do curso de Iniciação Esportiva, do Programa Sabin+Esportes&Cultura, mas também informa o plano pedagógico das aulas regulares de Educação Física, desde a Educação Infantil. Como explica Paulo Rogério Vieira, coordenador do Departamento de Esportes do Colégio, no início a ideia é trabalhar menos esportes específicos e mais habilidades motoras, que, mais à frente, se o aluno desejar, podem ser usadas em práticas esportivas.

Assim, em uma aula típica do primeiro ciclo do Ensino Fundamental, podem-se ver crianças exercitando fun-

damentos como arremesso, recuperação, rebatida, chute, drible (andar quicando a bola no chão) e finta (o drible do futebol). Na Educação Infantil, as habilidades são ainda mais básicas, como andar, correr, rastejar ou pular. “A predominância é no procedimento, no fazer as ações. Só mais tarde, tem-se uma reflexão maior voltada ao resultado nesse ou naquele esporte”, diz Paulo Rogério.

Tal abordagem, argumenta, permite que a primeira aproximação das crianças com a atividade física seja mais lúdica e estimulante. Uma vivência voltada para a descoberta do prazer de se movimentar e de estar em controle sobre o próprio corpo, e não para a competição entre atletas. (Por essa razão, no Sabin, os alunos só participam de campeonatos esportivos a partir do 6º ano; antes disso, o formato de “festival”, que premia a todos pela participação, é mais adequado.) A abordagem respeita, além disso, o ritmo de desenvolvimento motor do aluno. “Não se ensina vôlei para uma criança de 6 anos”, diz o professor Marcelo Eduardo.

Pode parecer simples, mas é cada vez mais necessário. Os professores de Educação Física do Colégio são unânimes ao afirmar que os alunos têm chegado à escola hoje com menor repertório motor. Daniela Nakayama cita exemplos que testemunhou em suas aulas: alunos de 6 anos com dificuldade para manter o equilíbrio sobre uma trave ou mesmo com pouca habilidade ao pular amarelinha ou corda. Reflexo de uma vida sedentária? Talvez. O certo é que o estímulo à atividade física não deve ficar restrito à escola. Por isso, Daniela recomenda aos pais algo simples: “Brinquem mais com seu filho”.



THE FUTURE BELONGS TO THOSE WHO BELIEVE IN THE BEAUTY OF THEIR DREAMS.
ELEANOR ROOSEVELT



* FCE (First Certificate in English); CAE (Certificate in Advanced English); CPE (Certificate of Proficiency in English)

* Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF, 2008-2009), Ministério da Saúde.

A força do carinho

A saúde a impediu de lecionar, mas seu projeto solidário a reaproximou das crianças.

Até o fim de 2007, o cotidiano de Gislaine Simão seguia sem sobressaltos. E ela se considerava privilegiada. Ganhava a vida fazendo o que mais gostava: ensinar crianças. Era professora do Fundamental I do Sabin, conhecida pela dedicação, energia e entusiasmo em sala de aula. Mas, naquele fim de ano, algo não ia bem. Vinha sentindo um cansaço fora do normal. “Achei que fosse estresse, pela correria comum nessa época do ano”, diz. Mas ela começou a piorar, a ponto de comprometer atividades corriqueiras, como pentear o cabelo. “Pegava o pente e não tinha força para movimentar o braço”.

Os médicos não conseguiam descobrir o que ela tinha, até que Gislaine foi parar no pronto-socorro, por conta de uma crise. O plantonista, um neurologista, teve um palpite sobre o diagnóstico, confirmado semanas e diversos exames depois: miastenia grave, distúrbio que interfere em receptores localizados entre os nervos e os músculos do corpo, provocando enfraquecimento severo. A doença não tinha cura, e os sintomas poderiam se agravar com o tempo, mas havia uma chance de controlá-los com remédios.

A notícia provocou um baque compreensível em Gislaine. Em pouco tempo, teve de abandonar as aulas. “Foi uma decisão muito dolorida. Eu adorava as crianças”. Seu

médico lhe indicou a especialista Maria Bernadete Resende, neurologista do Hospital das Clínicas, para que seguisse o tratamento. Em pouco tempo, Gislaine e Bernadete foram além da relação paciente–médico.

Gislaine se tornou admiradora do trabalho de Bernadete junto às crianças portadoras da síndrome de Duchenne, distrofia muscular genética que acomete apenas meninos. A médica comanda um dos poucos lugares no Brasil que oferece tratamento à doença, atendendo seus pacientes uma vez por semana no Ambulatório de Neurologia do HC. É gente que vem de todos os cantos do País e passa o dia ali. “Muitas vezes, são pessoas sem recursos, que não têm como pagar uma refeição”, diz Gislaine. “Então, eu disse a Bernadete que iria ajudá-las de alguma forma”.

Com a ajuda da família e amigos – mesmo sofrendo crises frequentes e passando mais tempo no hospital do que em casa, na época –, Gislaine criou uma rede de solidariedade que financia a distribuição do Lanchinho com Carinho, desde novembro de 2013. Trata-se de uma sacola com biscoitos, suco, água e frutas, entre outros itens, distribuída todas as terças-feiras no Hospital das Clínicas. São 48 sacolas por semana.

No começo, Gislaine montava as sacolas deitada na cama. Em 2014, submeteu-se a uma cirurgia inovadora e bem-sucedida, sob o comando do Dr. Elias Teófilo. Hoje, ela leva uma vida quase normal. Sua dose diária de medicamentos foi reduzida ao mínimo. Ela agora tem forças para ir comprar os produtos, montar as sacolas e, às vezes, até acompanhar a distribuição. “Isso me possibilitou ter contato novamente com crianças, o que, para mim, é fundamental”. Para Bernadete, sua amiga e paciente é exemplo de força, resiliência e solidariedade. Quem duvida?



Gislaine Simão e os itens do Lanchinho com Carinho que ela distribui entre pacientes do Hospital das Clínicas; à dir., a neurologista Maria Bernadete Resende.



Conheça e apoie o projeto Lanchinho com Carinho: gislainevaldeir@gmail.com – www.facebook.com/DiarioDasIdeias/

Cidadania de resultados

Formar cidadãos conscientes de seu papel no desenvolvimento de uma sociedade mais justa e sustentável é uma tarefa que vai além da sala de aula. Esses são alguns dos números alcançados pelas iniciativas do programa Sabin Socioambiental.



Mais de 3.000 crianças

atendidas pelas 11 instituições beneficentes apoiadas pelo Sabin em 2016.

- **R\$ 70 mil** arrecadados pela Festa Junina 2016.
- **1.023 ovos** de Páscoa distribuídos.
- **Aprox. 4.000 brinquedos** doados como presentes de Natal**.

Lixo que vale

40,6 toneladas

de lixo reciclável destinadas à Cooperativa Recicla Butantã*, que emprega 18 chefes de famílias carentes da região.

Solidariedade é o melhor remédio

3.600 medicamentos

encaminhados para a Unidade Básica de Saúde do Parque Viana, em Alphaville*. Produtos vencidos ou abertos foram descartados no lixo hospitalar; se lacrados e dentro da validade, destinados a pacientes. **Posto de coleta: Ambulatório do Sabin.**

Papa-pilhas



30 kg de pilhas, baterias e celulares usados foram recolhidos para destinação correta*. **Posto de coleta: Biblioteca do Sabin.**

* Números de janeiro a outubro de 2016. / ** Números do Natal de 2015.

Parece injusto, mas nem tanto

É compreensível, para uma sociedade calcada em inúmeras desigualdades, entender a Educação como um fator de manutenção do status quo. Embora ainda se sustente, a duras penas, a visão de que, romanticamente, só o processo educativo seria capaz de promover justiça, aqui entendida no sentido aristotélico do termo – como o comportamento moral capaz de igualar os desiguais –, sabe-se que, no exercício do capitalismo do hiperconsumo, as leis de mercado estendem-se, irrefutáveis, sobre quaisquer âmbitos da vida pública. Ainda assim, é possível encontrar nesse contexto uma luz no fim do túnel quando se trata de avaliações como o Enem.

Em termos mercadológicos, não há nada de errado com o Exame Nacional do Ensino Médio, tampouco com o ranqueamento que se faz das escolas participantes desse processo avaliativo. Entretanto, não é só às forças da iniquidade que o exame serve. Pedagogicamente, é lícito haver modelos de avaliações públicas que indiquem às comunidades educacionais possíveis caminhos a seguir, ainda que talhados por vieses mais objetivos. É válido que se faça conhecer, a partir de critérios formalmente estabelecidos, quais os desempenhos esperados para alunos que, ao fim da Educação Básica, queiram dar continuidade a seus percursos acadêmicos e/ou profissionais. E não se devem considerar, nesta análise, somente os estudantes. Levem-se em conta, também, famílias, escolas e universidades que são guiadas a planejar, rever, ponderar seus objetivos. Aliás, este foi o cerne do Enem em sua primeira vertente, que vigorou de 1998 a 2008: fornecer à sociedade



Denise Aparecida Masson,
assessora pedagógica e
professora de Língua Portuguesa

“A reflexão sobre o Enem é complexa e põe à mesa objetividade versus subjetividade.”

civil uma “fotografia”, na transição para a Educação Superior, dos processos de formação, com vistas a reavaliá-los e, eventualmente, torná-los mais produtivos.

Com os dados resultantes das análises feitas pelo Inep (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, responsável pelo exame), oferecem-se olhares concretos sobre organizações escolares e percursos formativos, dispõem-se propósitos claros de avaliação em larga escala, o que permite, aos menos favorecidos inclusive, reorganizar-se em busca de mais qualidade, sob esse ângulo. O exame ainda tem a prerrogativa importante de afirmar quais são os conteúdos fundamentais sem os quais o brasileiro não conseguiria exercer a cidadania: o caso clássico do respeito aos Direitos Humanos é exclusivo dessas grades de correção e mostra genuína preocupação com a formação individual. Em última instância, articula-se uma ação “justa” – é possível igualar os desiguais ainda que sob a égide de uma única prova, não obstante tenhamos certeza de que não era a essa igualdade que Aristóteles se referia.

Para uma sociedade de mercado, o Enem responde competentemente ao que se apresenta. Para cada um de nós, envolvidos com o que se pretende ser a Educação, a reflexão é mais complexa que isso e põe sobre a mesa objetividade *versus* subjetividade. Em um século que começou já envolto por contradições, uma posição não necessariamente exclui a outra. Consoante à teoria de Bauman, somos líquidos, e isso permite, até mesmo, que aceitemos nossos próprios paradoxos como funções coerentes no árduo caminho em que se transformou a Educação brasileira.

O ensino como mercadoria

Ao analisar uma nação, é possível destacar o seu ambiente escolar de duas formas, quais sejam como influenciador de mudanças nos valores da coletividade e como o próprio produto das relações sociais. No espectro educacional brasileiro, elementos como o ranqueamento de alunos e colégios a partir do Enem tornam difícil tratar o ensino como meio de emancipação. Utilizar uma simples prova como método de avaliação é reduzir as possibilidades de crescimento individual, de modo a limitar o aluno ao aprendizado mecânico, efêmero.

Inicialmente, em um cenário educacional caótico como é o brasileiro, a formulação de uma prova nacional a ser utilizada como fonte de análise apresenta um viés benéfico. O ranqueamento pode, a partir da comparação entre as díspares realidades escolares do País, funcionar como horizonte para as instituições que almejam se reformular. Ao ver-se comparado com o perfil brasileiro, um colégio seria capaz de entender suas deficiências e qualidades, o que lhe garantiria melhor gestão sobre seus métodos de ensino.

A livre veiculação do ranqueamento, todavia, é capaz de corromper o seu real papel, de modo a transformá-lo em publicidade. Colégios passam a adequar o seu método de ensino ao modo que melhor atenderá às competências do Enem, de maneira a construir o intelecto do jovem a partir de uma simples prova. O que, essencialmente, apresentava-se como mecanismo de análise, transforma-se em norteador da escolarização, uma vitrine para as instituições do País.

O ensino, conseqüentemente, distancia-se da criatividade e impacta a sociedade de duas formas. A primeira, a partir do próprio cotidiano escolar, que, como espelho de seu contexto, formará indivíduos sob a ótica do ensino como ação obrigatória, isto é, a motivação para o aprendizado é alimentada pela simples necessidade de cumprir com uma rotina. A segunda, por meio do impacto da ação desses cidadãos na formulação dos valores da coletividade, norteados pela concepção do colégio como um ambiente autoritário, um rito de passagem.

A educação perde, enfim, sua face construtiva. Como defendia o sociólogo francês Pierre Bourdieu, pensador da Educação, o tradicionalismo é adotado como garantia de controle, um reflexo de um sistema desigual. O ensino passa a ser utilizado como simples mecanismo para a manutenção do domínio de uns e da subserviência de outros. O melhor método para se atingir a emancipação individual é reduzido a um sistema afugentador, livre de qualquer manifestação de independência.

O ranqueamento de colégios a partir do Enem é um retrato da relação do Brasil com a Educação: o ensino transformado em mercadoria, o sucesso dos cursinhos, a universidade como parâmetro de qualidade, o preparo durante anos para o vestibular. É a formação de um indivíduo que, inconscientemente, encara a escola apenas como uma passagem, um mal necessário. Apresenta-se como pilar e fruto de uma realidade que historicamente negligencia a formação intelectual.



Enzo Snitovsky Onodera,
aluno da 3ª série
do Ensino Médio

“O que deveria levar à emancipação afugenta, em vez disso, qualquer manifestação de independência.”

Vizinhos e parceiros

Com a ajuda de nossa comunidade, a Emei Oscar Pedroso Horta ganhou equipamentos, cor e alegria.

Os 700 metros que separam o Colégio Albert Sabin da Escola Municipal de Ensino Infantil (Emei) Oscar Pedroso Horta dão uns cinco minutos de caminhada. Mas a realidade entre as duas instituições compreende distância bem maior. O Sabin dispõe de recursos. Já a Pedroso Horta vive uma situação comum à maioria das escolas públicas. Tem orçamento limitado, suficiente apenas para mantê-la funcionando. Frequentemente, necessidades como reformas ou a manutenção de seus equipamentos acabam ficando pelo caminho.

Para minorar essa situação, o Sabin promove ações de auxílio à escola vizinha. A parceria com a Emei foi firmada em 2015 e revelou seu primeiro grande resultado em maio deste ano, quando a escola reinaugurou o seu parque infantil. Com parte do dinheiro arrecadado pela Festa Junina do ano passado – fruto da solidariedade de professores, colaboradores, alunos e pais –, o Sabin patrocinou a reforma dos equipamentos do parquinho. Todos os brinquedos foram recuperados. Um presente e tanto para o público da Pedroso Horta, formado por cerca de 300 crianças de 4 e 5 anos. “Fez uma diferença incrível para os nossos alunos. O espaço ganhou cor, a escola ficou mais bonita”, diz a coordenadora pedagógica Luciana Kazuko Nishioka.

A escolha da reforma do parque infantil partiu da própria direção da Emei. O Sabin contratou a equipe de profissionais encarregada da obra, adquiriu os materiais necessários e supervisionou a execução do serviço. A reforma incluiu também a decoração dos muros internos. Cerca de 50 desenhos feitos no papel pelos próprios alunos da Emei foram reproduzidos nas paredes por Izo, grafiteiro conhecido e admirado na região do Butantã. No chão do pátio,



Emei Oscar Pedroso Horta
Rua Paulo Maranhão, 36, Jardim D'Abril – São Paulo – SP
(011) 3782.8905 – <https://www.facebook.com/emeioscar/>

ainda foram pintados uma pista de bicicleta, um jogo de amarelinha e um caracol – serviços feitos voluntariamente pelos funcionários da empresa que recuperou o parquinho.

“O mais bacana”, conta Luciana, “é que as crianças perceberam que isso tudo foi feito para elas”. Mas não foram somente os alunos que se deram conta da transformação. Os pais, assim como ex-alunos que hoje têm irmãos que estudam na Emei, surpreenderam-se e comemoraram a novidade.

A recuperação do parquinho foi a mais visível das ações de apoio do Sabin à Pedroso Horta, mas não foi a única. Na Páscoa, o Sabin doou ovos de chocolate, que foram distribuídos aos alunos da Emei, que também recebeu latas de leite em pó em duas outras oportunidades. O Sabin ainda colaborou com prendas para a festa junina de sua vizinha e doou uma série de brinquedos tirados de circulação, que se encontravam em seu depósito. Revitalizados, os brinquedos agora fazem a alegria dos alunos da Pedroso Horta.